

2

Evocação: a personalidade de Aquino de Bragança

Luís Filipe Pereira

Espírito inquieto, erudito, afável, didáctico, atraente, mas sempre controverso, Aquino de Bragança foi um intelectual com quem muitos de nós tivemos a oportunidade de privar e aprender.

Aquino foi um intelectual dotado de grande cultura política e filosófica. Cultura política no sentido do conhecimento da história política, das teorias, das instituições políticas, das relações internas e internacionais, e das formas de fazer política. Dotado de uma notável perspicácia e intuição política, tinha uma habilidade muito própria de investigar, recolher informação, analisá-la e levá-la a um estado de reflexão mais profundo sobre o exercício do poder, a ética política e o bem colectivo.

Internacionalista convicto, tinha subjacente uma visão global de uma sociedade justa e equilibrada onde deveriam estar prioritariamente defendidos os interesses dos colonizados, dos trabalhadores, das classes desfavorecidas.

A sua cultura exprime-se na obra que deixou, na colaboração regular que manteve nas revistas *Revolution Africaine*, *Afrique-Asie*, *L'Economist du Tiers Monde*, nos livros escritos com Immanuel Wallerstein (Bragança e Wallerstein 1978), na comparticipação em textos publicados quando Director do CEA e, ainda, nos mais diversos níveis de intervenção política.

Desde a participação na fundação da Confederação das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP) até à negociação da independência com a parte portuguesa, aos acordos de Lusaka e à negociação do Acordo de Nkomati com os líderes do *apartheid* da África do Sul, jogou sempre um papel determinante. Depois da independência, no contexto do cerco movido ao país, a sua experiência influiu grandemente na abertura ao mundo ocidental.¹

Aquino sai da Índia com apenas 23 anos de idade, mas com o carácter já definido. Passa por Moçambique e Portugal e fixa-se em França. Alguns anos mais tarde decide mudar-se para Marrocos, e depois para a Argélia, onde se localizava a sede da CONCP. Na minha perspectiva, a cultura indiana de espiritualidade, tolerância, justiça e capacidade de negociação, marcaram definitivamente a personalidade de Aquino. Segundo Mário de Andrade, seu companheiro de luta, ele era um admirador de Ghandi e do pacifismo desde a juventude, e esteve mesmo nos seus projectos escrever um ensaio sobre a figura e pensamento daquela personalidade.²

Espírito inquieto e anti-conservador, dotado de grande integridade e inteligência, não se resigna à dominação colonial e procura juntar-se a outros companheiros com quem pudesse partilhar as suas ideias. Paris, cidade onde fervilhavam os ideais da liberdade e onde se instalavam na altura os movimentos de libertação dos países colonizados da África e da Ásia, foi a sua opção.

O contacto com grandes actores políticos em França como Roger Garaudy, historiadores e sociólogos como Pierre George, Henry Lefebvre, Castro Soromenho, pensadores e filósofos como Frantz Fanon e Jean-Paul Sartre, e as leituras atentas de Hegel, Marx, Russel, Mao e muitos outros, e a sua vivência e actividade profissional de jornalista, enriquecem o pensamento de Aquino e fazem dele um pensador eclético.

A participação activa nas lutas de libertação desenvolveu a sua análise da prática política e consolidou a sua personalidade. Aquino procurava compreender, em cada momento, as estratégias ditadas pelo colonialismo e os interesses por detrás dos *complots* organizados contra as independências dos povos africanos. Sempre que podia, transmitia a informação que tinha e alimentava o debate teórico junto dos dirigentes das ex-colónias portuguesas, de quem se tornou amigo e, algumas vezes, conselheiro indispensável.³

Pelas suas convicções, Aquino não se deixou nunca escravizar pela glória ou pela fortuna, vivia a vida com desprendimento, afectividade, paixão, simplicidade e modéstia. Detestava a solidão, e talvez, por isso, cultivava a amizade. Gostava da discussão acalorada e da controvérsia, que alimentava com um certo humor. Tinha sede de aprendizagem e actualização, e hábitos arreigados de leitura.

Relativamente à aquisição de novos conhecimentos, Aquino ensinava que era preciso pôr em dúvida, duvidar primeiro, duvidar sempre. A sua atitude não era a do ceticismo absoluto que põe em causa todo o conhecimento e contra o qual nenhum argumento lógico tem valor. Tratava-se fundamentalmente de uma posição cartesiana de pôr em dúvida para tornar claro e evidente o pensamento por via da crítica e da reflexão. O importante era não aceitar a certeza absoluta, nem as aparências da verdade, sem um exame crítico e rigoroso que permitisse entender e acreditar. Isto traduzia, de certa maneira, a necessidade da superação

do saber espontâneo ou do saber vulgar, passando a um outro plano do conhecimento, o conhecimento reflexivo, que exige paciente aprendizagem, explicação racional, saber obtido com propósito firme e claramente definido sobre o que se pretende atingir, saber metódico, mesmo que não organizado. Nesta perspectiva, ele destacava a importância de problematizar o saber e, ainda com o seu cariz filosófico, a necessidade de compreender o mundo em que vivia para melhor actuar sobre ele e o tornar mais justo e humano.

No debate de ideias, rejeitava sempre o pragmatismo de tudo fazer sem pensar, sem analisar criticamente e reflectir de novo sobre a acção realizada.

No que se refere ao espírito investigativo, Aquino procurava sempre reunir o maior número de dados, cruzar informação e explicar a realidade social e política do país. Importa referir que ele não conseguia ser um homem de uma só pátria. Como disse uma vez Manuel Alegre, era um homem de mil pátrias.

Utilizava fontes escritas, mas valorizava sobretudo as fontes orais. Num tom provocador, dizia-me algumas vezes: “Essa História que vocês fazem com recurso ao arquivo e às fontes escritas não chega para aprofundar e atingir a verdade histórica.”

Considerava que as conversas e opiniões transmitidas pelos Presidentes e decisores políticos tinham mais importância. Essas sim, eram indispensáveis para entender melhor os processos históricos, as razões das mudanças, que alteravam muitas vezes o rumo dos acontecimentos e, por isso, o rumo da História. Contava – como ele dizia muitas vezes, *off the record* – como pensavam de maneira diferente e tinham opções contraditórias os Presidentes na África Austral, que todavia apareciam publicamente como tendo opiniões políticas consensuais.

Uma das suas grandes qualidades era a capacidade de comunicar na relação pessoal. Sabia ‘fazer os corredores’ nas reuniões e conferências internacionais. Nos contactos políticos, jogava a seu favor a sua credibilidade, simpatia, a indisciplina e a distância do aparelho partidário, a empatia para encontrar soluções que respeitassem os interesses de todas as partes. O Presidente Samora chamava-lhe afectivamente ‘o submarino’, porque descia fundo na sua análise.

Aquino teve um papel determinante como facilitador nas negociações com Portugal em 1974. Sendo na altura um mensageiro do presidente Samora, acabou por tornar-se também um homem de confiança do alto-comissário Vitor Crespo, que o convidou a instalar-se no Palácio do Governo.⁴

Em cada contacto, a sua abertura, a sua sedução o seu fascínio permitiam-lhe entrar no mundo do outro, criar uma verdadeira empatia, fazer dele um amigo. Era o mediador que a todos interessava e em quem todos podiam confiar. Dizia: “Os conflitos acabam sempre pela negociação.” Esta visão custou-lhe alguns dissabores, sobretudo com o caso da UNITA, em Angola.

Era preciso, segundo ele, identificar quem tinha capacidade de tomar decisões. Numa visão dialéctica, dizia, com humor, que não se podia rotular as pessoas de reaccionário ou revolucionário porque todos tinham dentro de si os seus contrários. Ou seja, um pouco de reaccionário e um pouco de revolucionário.

Por gentileza da Sílvia de Bragança, obtive alguns manuscritos originais que gostava de mostrar para vermos o tipo de notas que ele recolhia e comentava. Infelizmente, o seu arquivo principal, um conjunto de pastas organizadas, desapareceu logo após a sua morte.

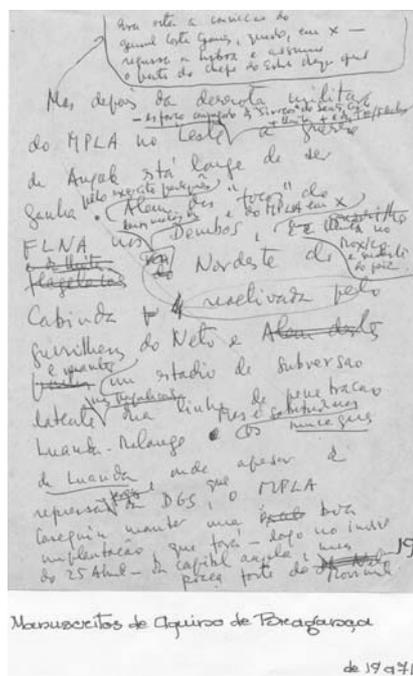
Notas

1. Intervenção de Graça Machel na homenagem a Aquino de Bragança em 15 de Junho de 2006, no CEA.
2. Depoimento de Mário de Andrade in Bragança 2009:94.
3. Depoimento de Marcelino dos Santos in Bragança 2009:112.
4. Depoimento de Vítor Crespo in Bragança 2009:283.

Referências

Bragança, Aquino de; Wallerstein, Immanuel, 1978, *Quem é o Inimigo?*, Lisboa: Iniciativas Editoriais (3 volumes).

Bragança, Sílvia, 2009, *Aquino de Bragança, batalhas ganhas, sonhos a continuar*, Maputo: Ndjira.



[Pezarat]
53 anos (1986)

- Responsável das forças especiais Katangueses + Zambianos
(2 vezes em Angola | 1ª 66/68 | 2ª 1973
- destacado à Angola em 1973, após o notório Congresso dos Arqueiros Combatentes
- (Voluntário na guerra que não chegou pagar a hora em COTR
- 5 comissões em África (medalhas) (sempre operacional como ele costuma fazer)
- worden no dia 25 Ab. o MFA / Angola
- entrou no Conselho de Rev. em 12 de Maio Março 75(?)

- MFA (Angola)

371 afiliação Zona Militar Leita	<p>tenente coronel Major " "</p> <p>Comandante 1º tenente Comandante</p>	<p>Pezarat Correia Moura Dias Eusébio de Silva Garcido Borges Mans de Cruz Correia Jesuina</p>
--	--	--

Ernesto Ferreira Neves (último governador Moçico)
João Carneiro / dec. gen. governo Luanda.

45

